



A ORTODOXIA EM DESENVOLVIMENTO NO SEGUNDO SÉCULO: UMA ANÁLISE HISTÓRICO-TEOLÓGICA DA CARTA A DIOGNETO

Orthodoxy in development in the second century:
a historical-theological analysis of the *Letter to Diognet*

Rafaella Cristina Araújo Pereira*



* Formada em Teologia pelo Seminário Batista do Cariri (SBC), 2016.

Contato:
rafaellacrisapereira@yahoo.com.br

RESUMO:

Durante muitos séculos a teologia cristã veio sendo desenvolvida e muitos escritos foram elaborados com este fim, bem como para a defesa da fé cristã e suas verdades. Assim como a *Carta a Diogneto* que analisaremos neste artigo, cujo autor argumenta de forma bíblica, lógica e teológica em prol do cristianismo contra as heresias e inverdades a respeito da vida e fé cristã em seu período. Este trabalho visa analisar histórica e teologicamente este documento. Para isto, é necessário situar no contexto da apologética cristã do II século, examinar a intertextualidade do uso do Novo Testamento na escrita desta obra, e identificar os temas teológicos encontrados na mesma.

Palavras-chave: Apologia; Ortodoxia; Diogneto.

ABSTRACT:

For many centuries Christian Theology has been developing and many writings were produced defending Christian Faith and its truths. As the *Epistle to Diognetus*, that will be analyzed in this article, in which the author argues in a theological, logical and biblical way in favor of Christianity and against the falsehood and heresies about life and Christian faith back in his time. This article is aimed to analyze this document in a theological and historical way. Therefore, it is necessary to place it in the Christian Apologetic context of the Second Century, examine the intertextuality in using The New Testament for writing this work, and identify theological themes that were found on it.

Keywords: Apology, Orthodoxy, Diognetus.

INTRODUÇÃO

A *Carta a Diogneto* foi escrita para a defesa da fé cristã e de suas verdades, contra as heresias que surgiam em sua época e as falsas acusações feitas contra os cristãos. Essa carta ajuda-nos a compreender como se deu a apologética e o desenvolvimento do pensamento cristão no segundo século. Na presente análise dessa carta, trabalharemos três campos específicos: a história do cristianismo do II século, a intertextualidade e a teologia histórica. Com isso, veremos quão rica essa obra é em seu conteúdo doutrinário, em relação ao cotidiano dos cristãos daquele período e quão vasta foi a influência dos escritos neotestamentários para os primeiros cristãos.

1 - A CARTA A DIOGNETO E A APOLOGÉTICA CRISTÃ ANTIGA

1.1 - Os Desafios do Cristianismo: Hostilidades e Heresias

No século II o cristianismo ainda era pouco conhecido, era tratado como uma seita e suas práticas (costumes e crenças) consideradas ilegais e contrárias às estipuladas pelos governantes locais. Por esta causa, acusações, perseguições e martírios duraram até 313 d.C., quando Constantino a oficializou no império.

O cristianismo se expandia por diversas regiões desde a Palestina, Antioquia, Roma e entorno do Mediterrâneo como vemos nas cartas Neotestamentárias e a na história da igreja. Havia cristãos ricos e pobres, livres e escravos, cultos ou iletrados, homens, mulheres, de diversas idades.

Os cristãos, influenciados pelos ensinamentos de Cristo e transmitidos pelos apóstolos, haviam deixado de adorar nos templos pagãos, não participavam das cerimônias civis estabelecidas pelo Estado, nem de guerras e tão pouco se alistavam no exército. Para os pagãos, os deuses do Império eram tidos como os causadores das calamidades naturais (secas, inundações, terremotos, epidemias e guerras) quando irritados ou não cultuados e por isso todas as catástrofes que estavam acontecendo eram por culpa dos cristãos que estavam desagradando aos deuses com suas crenças e cultos, isso era visto como um crime direto contra o governante e conseqüentemente contra todo o Império.

Outro fator determinante para a oposição ao cristianismo era que, por ser uma nova crença, a mesma não era aceita nem compreendida. Algumas de suas práticas eram erroneamente interpretadas pelos não cristãos, o que causava estranheza e uma grande suspeita por parte da população e principalmente dos líderes políticos e religiosos da época, que desconheciam a extensão e a influência que tal “seita” poderia ter.

O primeiro imperador a opor-se aos cristãos foi Nero, por volta de 64 d.C., acusando-os de serem os responsáveis pelo incêndio de parte da cidade de Roma. Milhares de cristãos foram mortos e torturados. Alguns, eram amarrados em postes nas laterais das ruas romanas e ateados fogo aos seus corpos, outros eram jogados aos cães e leões famintos como espetáculo público.

Domiciano (81 d.C.) promoveu durante o seu governo a segunda grande perseguição tanto aos judeus, por não pagarem o tributo a Roma, como aos cristãos. Essa perseguição se estendeu de Roma à Ásia Menor, havendo muitos mártires apenas por serem cristãos. Eram levados a julgamento se negassem sua fé em Cristo e oferecessem sacrifício aos deuses eram libertos, caso contrário eram torturados e/ou mortos. Por isso, os cristãos passaram a se reunir secretamente, à noite, as vezes até mesmo em cemitérios, para não serem vistos e assim poderem cultuar a Deus sem serem coagidos, presos ou mortos.

Muitos outros imperadores como Trajano (98-117 d.C.), Adriano (117-138), Antonino Pio (138-161), Marco Aurélio (161-180) e Sétimo Severo (193-211) perseguiram os cristãos. Durante o século II, muitas vezes as queixas levantadas contra eles eram infundadas ou parcialmente verdadeiras. As acusações se davam por causa de rumores populares ou críticas por parte da classe culta.

Os rumores populares se baseavam geralmente em algo que os pagãos ouviam dizer ou viam os cristãos fazer, e então o interpretavam erroneamente. Por exemplo, os cristãos se reuniam todas as semanas para celebrarem uma refeição a que frequentemente chamavam ‘festa de amor’. Essa refeição era celebrada em privativo, e somente eram permitidos os que haviam sido iniciados na fé, isto é, os batizados. Além disso, os cristãos se chamavam de ‘irmãos’ entre si, e não faltavam casos em que homens e mulheres diziam estar casados com seus ‘irmãos’ e ‘irmãs’. Baseados nestes fatos, foram se tecendo rumores cada vez mais exagerados, e muitos chegaram a crer que os cristãos se reuniam para celebrar uma orgia em que se davam uniões incestuosas. (GONZALEZ, 1995, p.80).

Alguns rumores diziam que os cristãos eram canibais porque no momento da Ceia eles “comiam” a carne de Cristo e “bebiam” o seu sangue. Os intelectuais desse período acreditavam que o cristianismo era um conjunto de superstições e que as pessoas fanáticas que criam nele eram perigosas para o Império Romano.

Já as denúncias por parte dos cultos e da nobreza se baseavam em acusações referentes às doutrinas cristãs, diziam que os cristãos faziam parte de uma seita que se contradizia em seus ensinamentos e crenças. Para eles, os martirizados só tinham coragem de enfrentar a morte com tamanha honra por terem uma crença na ressurreição futura. Sendo assim, os acusadores argumentavam e questionavam seus acusados para os atemorizarem da seguinte forma:

E isso de ressurreição é o cúmulo das idiotices cristãs. Como ressuscitarão aqueles corpos destruídos por fogo, ou devorados por peixes ou pelas feras? Irá Deus por todo o mundo recolhendo e unindo os pedaços de cada corpo? Como se arranjará Deus, no caso daquelas porções de matéria que pertenceram primeiro a um corpo e depois a outro? Será que o primeiro dono adjudicará esse pedaço do seu corpo? Em tal caso, ficará um buraco no corpo ressuscitado do dono posterior? (GONZÁLEZ, 1995, p. 86).

Mesmo em meio a tanta oposição, quanto mais a igreja primitiva era perseguida, mais ela crescia e se desenvolvia. Conforme se convertiam ao cristianismo houve uma miscigenação de ensinamentos e crenças. Com isso, princípios opostos aos do cristianismo surgiram no seio da igreja primitiva, os quais foram considerados pelos mais ortodoxos como heresias, como foi o caso do gnosticismo.

O gnosticismo no século II foi um movimento existente tanto dentro como fora da igreja cristã, que se baseava em uma busca da verdade esotérica, em que os sábios possuíam um conhecimento especial, diferenciado das demais pessoas, o que os tornava superiores às mesmas, fosse esse conhecimento teológico, científico ou cosmológico.

O termo ‘gnosticismo’ vem da palavra grega ‘gnosis’, que quer dizer ‘conhecimento’. Segundo os gnósticos, sua doutrina era um conhecimento especial, reservado para quem possuísse verdadeiro entendimento. Além disso, parte dessa doutrina consistia na chave secreta mediante a qual se alcançava a salvação. (GONZALEZ, 1995, P.96).

Essa heresia não teve um fundador ou proponente específico, porém, alguns pais da igreja concordam que o gnosticismo teve início com Simão, o Mágico:

Segundo um certo Hegesipo, citado por Eusébio numa de suas obras, o gnosticismo principiou entre certas seitas judaicas. Pais Eclesiásticos posteriores como Irineu, Tertuliano e Hipólito, por sua vez, sustentavam a opinião segundo a qual a filosofia grega de Platão, Aristóteles, Pitágoras e Zenão, era a principal fonte da heresia gnóstica (OLIVEIRA, 1992. p. 41).

Haviam muitos mestres gnósticos como Basílido e Valentino, cada qual com suas doutrinas próprias as quais se confundiam e até mesmo se contradiziam em alguns pontos. Porém, seus ensinamentos influenciaram muitas religiões, dentre elas o próprio cristianismo.

O ensino gnóstico quanto ao universo sustentava uma visão dualista do mesmo. O conceito provavelmente vinha da combinação da teoria de Platão que ensinava haver grande contraste entre o mundo espiritual e o mundo visível. Platão pregava que o mundo espiritual era bom e que o homem deveria esforçar-se por readquiri-lo. Já o mundo das coisas palpáveis era totalmente mau, uma prisão para o homem do qual devia livrar-se.

Quanto a Cristo, os gnósticos ensinavam que pelo fato do mundo material ser mau, não poderia ter se encarnado: era como a aparição de um fantasma, ou uma habitação temporária no homem chamado Jesus. Afirmavam que Jesus possuía um corpo, mas que era diferente do nosso, composto de uma matéria espiritual, e por isso, alguns diziam que seu nascimento de uma virgem teria sido aparente e não literal.

Quanto à salvação, sustentavam que para salvar-se o homem precisaria livrar-se da prisão do mundo visível e de seus poderes através de uma iluminação espiritual mística, que se daria através do conhecimento dado por Cristo, e que tal conhecimento não era disponibilizado a todos os cristãos, sendo este o conhecimento salvífico. É possível perceber que o gnosticismo “foi uma tentativa de explicar, em fundamentos racionais, como os homens provêm de Deus e podem retornar a Ele sem cataclismos” (WAND, 2004. p. 59).

Eles aceitavam os ensinamentos do docetismo, que se opunha à doutrina do cristianismo no que diz respeito à criação, encarnação, ressurreição, e das práticas cristãs quanto à moral. Alguns enveredavam por um ascetismo extremo, castigando o corpo para que ele não exercesse tanto poder sobre o espírito; outros praticavam a libertinagem, dando total liberdade ao corpo e às suas paixões.

Tais ensinamentos estavam se infiltrando e se enraizando na teologia e no pensamento da Igreja de tal forma que era difícil para os cristãos distinguirem o que era bíblico do que

não era. Em meio a tamanha confusão, era necessário expor e transmitir a verdade que fundamentava a doutrina cristã.

É neste contexto que a *Carta a Diogneto* foi escrita, visando lidar com a hostilidade dos judeus e pagãos e as heresias que se adentravam na igreja, dentre elas o gnosticismo, expondo de maneira clara e específica as verdades bíblicas.

1.2 - A defesa da fé: Pais apologistas e antignosticos

O termo “pai” foi atribuído aos mestres e bispos dos primeiros séculos da igreja primitiva, que se destacaram por causa da sua vida piedosa, do amor e do zelo que mantinham para com Deus, sua Palavra (a Bíblia), e para com a igreja.

Os pais da igreja¹ eram pessoas que estavam ligadas aos apóstolos, direta ou indiretamente, aprendendo deles e repassando os ensinamentos sobre Cristo e as Escrituras aos demais cristãos do século II ao VI, porém alguns estudiosos colocam os Pais da Igreja até o VII século. Os pais eram, geralmente, líderes das primeiras igrejas organizadas, ou pessoas que se destacaram na defesa e desenvolvimento da teologia e das verdades cristãs.

Os apologistas cristãos, apologistas ou pais apologistas, foram cristãos escritores e filósofos que defenderam o cristianismo ante a perseguição e acusação do Estado e de pessoas de alta estirpe aos cristãos. Dentre os apologistas mais conhecidos neste período estão Tertuliano (155-220) e Justino Mártir (100-166 d.C.).

O primeiro apologista cristão conhecido foi Quadrato, que enviou uma carta ao imperador Adriano. Porém, não se sabe ao certo quem foi Quadrato, há a hipótese que ele teria sido um bispo em Atenas. Em sua carta ele argumenta, como ressalta Wand (2004), sobre a superioridade dos milagres cristãos quando comparados às mágicas praticadas pelos pagãos.

Oliveira (1992) lista algumas obras e apologistas cristãos em ordem de importância e cronologia: 1. *Discurso à Diogneto*, de Quadrato. 2. *Diálogo com Trifon*,

¹ Foi somente no V século que Vicente de Lérins, definiu-os como os pais, e essa classificação passou a ser adotada pela Igreja Romana, pouco tempo depois.

de Justino. 3. *Discurso aos gregos*, de Taciano. 4. *Defesa dos cristãos*, de Atenagoras. 5. *Três livros a Autólico*, de Teófilo. 6. *Contra Celso*, de Orígenes. 7. *Apologia*, de Tertuliano. 8. *Otávio*, de Minúcio Félix.

Todos esses escritos foram produzidos durante o II século, em grego, e são relevantes pois é por meio deles que podemos saber como o cristianismo era compreendido pelos pagãos nos seus primórdios, quais dificuldades os cristãos enfrentavam por causa de sua fé e de suas crenças, como reagiam perante as falsas acusações que lhes eram dirigidas, a rejeição que sofriam, até mesmo quais eram as suas atitudes perante o martírio que lhes era imposto, e como lidavam com problemas internos referentes a questões doutrinárias.

Os pais polemistas, por sua vez, lutaram mais diretamente contra as doutrinas heréticas, condenando os falsos ensinamentos, seus mestres, e a influência que os mesmos exerciam sobre o pensamento cristão. Os que mais se destacaram foram: Irineu (130-202 d.C.), Orígenes (185-254 d.C.) e Cipriano (200-258 d.C.). Os Pais Polemistas ou simplesmente polemistas, também são conhecidos como Pais Antignósticos, já que a principal heresia enfrentada no II século foi o gnosticismo (TILLICH, 1988).

Os polemistas, ao contrário dos apologistas, que se baseavam mais nas profecias do Velho Testamento, serviram-se mais do Novo Testamento como fonte da doutrina cristã. Os polemistas procuraram explicar o cristianismo aos seus vizinhos e aos governantes pagãos. Os Pais Apostólicos tinham como preocupação apenas edificar a Igreja Cristã. (CAIRNS, 1995, p.89).

Demos mais ênfase aos pais apologistas e polemistas pelo fato do escritor da *Carta a Diogneto* ser geralmente classificado nessas sessões, e por estarem no contexto do segundo século e lidarem com temas recorrentes desse período na *Carta a Diogneto*.

Em meio a tanta hostilidade e heresias que surgiam, nada mais natural do que os cristãos reagirem. Os escritos destes pais foram fundamentais para a defesa do cristianismo, suas crenças e práticas, bem como da teologia bíblica, em especial do Novo Testamento.

1.3 – Um primeiro olhar sobre a *Carta a Diogneto*

A *Carta a Diogneto*, ou *Epístola a Diogneto*, é um dos escritos mais antigos do II século (GONZÁLEZ, 1995). Haykin (2012) nos diz que essa epístola procede de uma fé gloriosa de um homem que está deslumbrado pela revelação do amor de Deus em seu Filho Jesus. Em que procura persuadir um pagão greco-romano denominado Diogneto, que era possivelmente um imperador, já que esse título era dado a imperadores nessa época ou a príncipes (FRANGIOTTI, 1995).

Quando se trata da *Carta a Diogneto*, alguns “elementos importantes que ajudam a determinar e caracterizar uma obra, tais como, autor, data e local de composição, destinatário e a própria integridade do manuscrito ficam na sombra” (FRANGIOTTI, 1995, p. 11). Pois essas informações não são expressas na obra.

Este texto permaneceu desconhecido por muito tempo, até mesmo nos dias de hoje pouco se ouve falar a respeito. Isso se deu em parte por ter sido um escrito anônimo, endereçado a uma pessoa específica, não se sabe ao certo quem, e por sua descoberta ter sido tardia. Foi encontrado em Constantinopla em 1436, junto a outros manuscritos de caráter apologético, por Tomás de Azerro (FRANGIOTTI, 1995).

Alguns o atribuem a algum apóstolo, outros a Quadrato, ou a “Apolo, discípulo de Paulo ou Clemente Romano, Aristides, ou Hipólito de Roma” (FRANGIOTTI, 1995, p. 12). Dos apologistas citados acima, o mais cogitado é Quadrato, sendo esta a posição assumida nesta pesquisa, pelas seguintes razões sustentadas por Paul Andriessen a partir de 1946:

a) A obra data, indubitavelmente, dos séculos II e III. Vários autores deste século podem ser eliminados, como Aristides, Justino, por razões de estilo, linha de pensamento que se diferenciam demasiado da *Carta a Diogneto*. Após examinar cada um dos escritores restantes, não nos resta senão Quadrato. Embora a Apologia de Quadrato tenha-se perdido, Eusébio de Cesareia conservou um fragmento no qual se percebe que seu autor é dos primeiros tempos do cristianismo. Segundo a tradição Quadrato foi um dos primeiros apologistas [...] b) Em Diogneto, há uma lacuna entre os §§6-7 do capítulo 7, na qual se encaixaria perfeitamente o fragmento da Apologia, porquanto a matéria do fragmento contém o assunto que deveria ser tratado na parte perdida de Diogneto 7,7. (FRANGIOTTI, 1995, p. 13,14).

Ao aceitar como autor dessa obra o apologista Quadrato, então provavelmente essa carta seria endereçada a Adriano, já que durante o seu governo houve o aparecimento

de escritos cristãos de caráter apologético, como a *Carta a Diogneto*, em especial documentos escritos pelo próprio Quadrato. Adriano é intitulado Diogneto não só por Quadrato, mas também por Marco Aurélio. Esse título era comum em Atenas entre os arcontes, e o próprio Adriano era um arconte desde 112 d. C. Então sua redação seria por volta do ano 120 d.C., em Atenas, dentro dos limites do Império Romano, endereçada a Adriano e escrita por Quadrato.

Quanto a sua classificação, alguns estudiosos da patrística a colocam como o último escrito do período dos Pais Apostólicos (por causa da sua data mais provável, 120 d.C.). Outros a relacionam como um escrito pertencente ao período dos Pais Apologistas (devido ao seu conteúdo em defesa do cristianismo). Além disso, possui certa ligação também com o período dos Pais Polemistas (por seu viés antignóstico), sendo assim, trata-se de um escrito com uma dupla função, lidar com dificuldades externas e internas (hostilidades e heresias), abrangendo duas linhas de argumentação (apologistas e polemistas), em um período de grande desenvolvimento teológico.

Esse texto é rico doutrinaria e apologeticamente, é detentor de um conteúdo conciso, escrito em um grego refinado, seu autor demonstra erudição, e um profundo conhecimento bíblico, teológico e filosófico, é uma objeção às acusações do paganismo e do judaísmo, e simultaneamente uma defesa das doutrinas e práticas cristãs, mostrando a superioridade do cristianismo em contraste ao paganismo da época e as falsas doutrinas que surgiam dentro do cristianismo.

O autor da *Carta a Diogneto* se propõe a responder as dúvidas levantadas por Adriano. Na primeira parte (2-4), o autor combate a idolatria pagã e o ritualismo judaico, mostrando a diferença entre esses grupos e os cristãos e como o cristianismo é superior a estes. A sessão (5-6), mostra quem são os cristãos, como vivem, e qual o seu papel no mundo. De (7-8), há questões doutrinárias da fé cristã, como a encarnação, a salvação pela graça de Deus, a origem da fé cristã, em contraste com as crenças gnósticas. E por fim (11-12) lida com questões referentes ao Verbo e como se tornar um seguidor deste Verbo (Cristo), através da ciência verdadeira (a gnose). Por fim, o autor trata como o cristianismo é superior ao paganismo e ao judaísmo e os benefícios de se tornar um cristão (FRANGIOTTI, 1995).

2 - INTERTEXTUALIDADE: CARTA A DIOGNETO E O NOVO TESTAMENTO

Pelo fato do autor da *Carta a Diogneto* utilizar frequentemente as Escrituras para fundamentar seus argumentos, nada mais natural do que analisarmos como ele faz essa relação. Sendo assim, veremos a ligação existente entre a *Carta a Diogneto* e o Novo Testamento, trabalhando a dependência dessa literatura dos escritos neotestamentários, seja em forma de citação, alusão ou pastiches.

Essa correlação entre escritos é chamada de *intertextualidade*, ocorre quando um texto possui alguns traços de uma outra obra formando assim um novo escrito utilizando-se de informações de um texto anterior como fonte. A intertextualidade pode ser encontrada nas literaturas, segundo Tiphonie Samoyault (2008), em forma de citações, alusões, referências, pastiches, paródias, plágio e colagens.

Foi a linguista Julia Kristeva na década de 1960 que apresentou o termo intertextualidade, a partir das análises que fez da obra de Mikhail Bakhtin. Em que os textos são um conjunto de citações, advindas de uma bagagem de outros textos anteriormente conhecidos pelo autor, os quais são reorganizados e reescritos de forma que construam um novo texto, as vezes com uma outra argumentação, mas tendo como base um texto original, o qual pode aparecer no texto como uma citação, alusão, pastiche (SAMOYAULT, 2008).

Seguiremos a divisão feita por Tiphonie Samoyault (2008), analisando a intertextualidade encontrada na *Carta a Diogneto* e Novo Testamento, por meio de citações, alusões e pastiches nessa. E por isso, precisamos entender o que são esses três termos linguísticos.

Citação é a presença de um fragmento de um texto base em outro texto, sendo uma das formas da intertextualidade mais fáceis de se reconhecer, pois possui muitas semelhanças com o texto base: mesmas palavras, ordem lógica, contexto, ideia a ser transmitida. E em alguns casos o próprio autor do novo texto faz referência a um autor que ele está utilizando.

Alusão é uma referência a um texto ou um trecho de um texto anterior ao que está sendo produzido, propositadamente ou não. Acontece geralmente quando o texto que está sendo aludido foi memorizado parcialmente, o qual acaba fluindo naturalmente na nova

obra. Não sendo uma reprodução palavra por palavra de um texto base em outro, mas de algumas palavras semelhantes, ou com o mesmo contexto.

Pastiche, das três formas literárias de intertextualidade que iremos analisar, é a mais difícil de se classificar em um texto, porém, uma das mais utilizadas. A pastiche ocorre quando o autor usa diversos textos e reorganiza-os de forma a construir uma nova argumentação, não sendo uma cópia exata do texto anterior, pelo contrário, sua aparência é de uma compilação de textos.

A *Carta a Diogneto* está repleta de inter-relações com os textos bíblicos. Todavia, não examinaremos cada passagem, frase, palavra e ideia presentes nessa epístola, pois para isso seria necessário um trabalho mais extenso e detalhado, o que não é o caso desta pesquisa. Esta análise nos ajudará a entender como as ideias, ensinamentos, e até mesmo as palavras encontradas no Novo Testamento estavam arraigadas no pensamento cristão, a ponto de influenciar, até de modo imperceptível, na escrita desta carta e na vida dos cristãos primitivos.

Dois fatos importantes a se considerar: 1) A Carta a Diogneto não é uma cópia do Novo Testamento, pelo contrário, o autor provavelmente faz uso de sua memória intertextual, e em determinados trechos não cita exatamente o que está no original, nem no mesmo tempo verbal, nem com os mesmos termos; 2) É essencial entender que os autores do Novo Testamento muitas vezes escreveram suas obras considerando possíveis situações que ocorreriam com cristãos, enquanto o autor da Epístola a Diogneto está preocupado em relatar o presente, a vida dos cristãos, como os mesmos punham em prática os preceitos bíblicos em seu cotidiano.

2.1 – Citações encontradas na *Carta a Diogneto*

É necessário entender a argumentação para cada citação e frase que foi escrita. Neste trecho o autor da *Carta a Diogneto* está fazendo uma refutação ao culto judaico, afirmando que os cristãos não adoram como os judeus, ainda que ambos possuam o mesmo objeto de adoração, Deus. Os cristãos não adoram como os pagãos, pois adoram um Deus que é o criador de tudo, não possui necessidade de nada, diferente do pensamento judeu e pagão (DIOGNETO 3:5). É nesse contexto que o autor cita, provavelmente, Atos 17:24:

Quem fez o céu e a terra, e tudo o que neles existe. (DIOGNETO 3:4)²

O Deus que fez o mundo e tudo o que nele existe, sendo ele Senhor do céu e da terra, não habita em santuários feitos por mãos humanas. (ATOS 17:24) .

Os termos “céu e terra” e “tudo o que nele existe” são notados em ambos os trechos. A diferença é que na *Carta a Diogneto*, encontramos o versículo de Atos 17:24 de forma mais sucinta, o autor apenas diz que o Deus que os cristãos adoram é quem criou o céu, a terra e o que neles existem, para fundamentar o seu argumento de que este Criador de nada precisa pois tudo fez.

Esta citação também está em uma ordem um pouco diferente da encontrada no Novo Testamento. Porém, ambas possuem o mesmo significado. Deus é o criador de tudo, céu, terra e tudo o que existe. Como visto em Atos mais especificamente no verso 25, onde Paulo diz que o Deus que os atenienses têm adorado não habita em santuários feitos por mãos humanas nem é servido por mãos humanas, como se precisasse de algo feito pelo homem.

2.2 – Alusões encontradas na *Carta a Diogneto*

Alusões são menções de outros textos em um segundo texto, não sendo palavra por palavra (como uma citação), mas trazendo palavras do outro texto ou a ideia do mesmo. Esse artifício literário também é encontrado na *Carta a Diogneto*.

Uma das alusões encontradas nesta obra trata sobre o conflito existente entre a carne e a alma. As quais são diferentes, porém, habitam juntas, estão em embate, mas a alma ama a carne e a carne odeia a alma, todavia, essa luta é necessária para que a alma se torne melhor e futuramente obtenha um corpo incorruptível. Além disso, o autor compara a relação entre a carne e alma com os cristãos e o mundo, os quais estão no mundo, mas não são do mundo, vivem no mundo, mas não seguem os desejos do mundo.

² GEISLER, Norman, indica em seu livro de Teologia Sistemática volume I, que a *Carta a Diogneto* fez parte do cânon do Novo Testamento durante os quatro primeiros séculos, e ele cita que esta obra faz uma possível alusão ou citação de algumas epístolas neotestamentárias, o qual alista quatro, em referência a isso, II Coríntios, Gálatas, Colossenses e Tito. Provavelmente esta citação que está sendo trabalhada aqui faz referência a uma alusão de Colossenses 1:16, pois ambas possuem palavras semelhantes, o que caracterizaria uma alusão, e possui o mesmo sentido em que é utilizada na *Carta a Diogneto*.

[...] os cristãos habitam no mundo, mas não são do mundo. [...] os cristãos são vistos no mundo, mas sua religião é invisível. A carne odeia e combate a alma, embora não tenha recebido nenhuma ofensa dela, porque esta a impede de gozar dos prazeres; embora não tenha recebido injustiça dos cristãos, o mundo os odeia, porque estes se opõem aos prazeres. (DIOGNETO 6:3-5)

Já não estou no mundo, mas eles continuam no mundo, ao passo que eu vou para junto de ti. Pai santo, guarda-os em teu nome, que me deste, para que eles sejam um, assim como nós. Eu lhes tenho dado a tua palavra, e o mundo os odiou, porque eles não são do mundo, como também eu não sou. (JOÃO 17:11,14,16).

A relação entre o cristão e o mundo é o ponto de contato entre os dois textos, tanto o de Diogneto 6:3-5 como o de João 17:11,14,16. Na primeira passagem, o autor mostra que os cristãos não são do mundo, pois não vivem da mesma maneira (conduta moral) em que o mundo³ (pessoas) vive. Da mesma forma, Jesus, ao orar ao Pai, roga pelos seus discípulos, para que Deus os conserve. Pois, eles vivem no mundo, mas não pertencem a ele, já que o Senhor lhes deu a Cristo. Este é o ponto de tensão entre o cristão e o mundo, em ambos os textos.

2.3 – Pastiches encontradas na *Carta a Diogneto*

Pastiche ou recriação é um texto que toma emprestado de outros textos o estilo literário, algumas palavras ou até mesmo algumas ideias presente nas obras que estão lhe servindo de fonte para recriar um novo texto, mas sem necessariamente reproduzir uma cópia exata das obras utilizadas. É o mais difícil de ser identificado como a própria palavra sugere, é uma recriação, a partir de alguns outros textos, como visto no caso a seguir.

Analisaremos uma recriação encontrada na *Carta a Diogneto*, a qual trata do Verbo e dos seus seguidores. Para o autor, o Verbo (Jesus) havia se manifestado entre os homens e ensinado livremente, porém, haviam dois grupos de ouvintes de seus ensinamentos, aqueles que conheceram os mistérios do Pai, e os que desprezaram.

³ O uso da palavra mundo nos escritos Joaninos tem o sentido de mundo em relação ao planeta (Jo.1:10); mundo em relação a humanidade (Jo.3:16) e mundo relacionado a pessoas que não creem em Cristo (Jo.14:17), o que define o seu sentido é o contexto em que essa palavra se encontra no versículo ou na passagem como um todo.

[...] Os incrédulos não o compreenderam, mas ele guiou os discípulos que julgou fiéis, e estes conheceram os mistérios do Pai. Deus enviou o Verbo ao mundo. Desprezado pelo povo, foi anunciado pelos apóstolos e acreditado pelos pagãos. Desde o princípio, ele apareceu como novo e era antigo, e agora sempre se torna novo nos corações dos fiéis. (DIOGNETO 11:2-4).

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. O Verbo estava no mundo, o mundo foi feito por intermédio dele, mas o mundo não o conheceu. Veio para o que era seu, e os seus não o receberam. Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que creem no seu nome; os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus. (JOÃO 1:1,2,10-13).

Evidentemente, grande é o mistério da piedade: Aquele que foi manifestado na carne foi justificado em espírito, contemplado por anjos, pregado entre os gentios, crido no mundo, recebido na glória. (I TIMÓTEO 3:16).

É importante salientar que o termo Verbo (Cristo) é uma característica da literatura joanina: apenas o apóstolo João usa-o como visto em João 1; I João 1:1; Apocalipse 19:13. Levando isso em conta, analisaremos a passagem onde este termo mais se repete nas cartas de João e o que mais se assemelha com o trecho da *Carta a Diogneto* 11:2-4;

Em João 1:1,2,10-13, o discípulo amado fala sobre a divindade e a humanidade de Jesus. Jesus é Deus e estava com Deus no princípio (v.1,2,14), se fez carne e habitou entre os homens, veio porque era a luz (v.8) que o mundo precisava. Porém, nem todos os que estavam no mundo o reconheceram (como o Messias), pois os seus não o receberam (v.11). Os que o receberam Deus os fez seus filhos, aqueles que creram em Cristo (v.12). A mesma ideia está presente na *Epístola a Diogneto* 11:2-4.

Em I Timóteo 3:16, Paulo trabalha o mesmo argumento, exposto também em João. Porém, de maneira mais esboçada, que Jesus foi manifestado em carne, justificado em espírito, visto por anjos, anunciado para os gentios, crido no mundo e recebido na glória. O mesmo plano de salvação exposto nos textos analisados anteriormente.

Com tudo isso podemos entender algo da relação existente entre a *Carta a Diogneto* e os escritos do Novo Testamento. O autor dessa epístola se baseou nas Cartas de Paulo e no Evangelho segundo João para fundamentar os seus argumentos a favor do cristianismo. Tanto as citações, as alusões como as recriações, demonstram que, de fato, os Escritos bíblicos estavam se tornando inerentes ao pensamento cristão. Essa era a influência exercida pelas Escrituras na vida dos cristãos, de modo que tanto suas

atividades cotidianas e seus pensamentos eram dirigidos pelos princípios bíblicos, tal era a extensão da Palavra de Deus, seus conceitos e ensinamentos.

3 - A TEOLOGIA DA CARTA A DIOGNETO

A *Carta a Diogneto* pode nos impressionar pelo nível de argumentação do autor, que de modo hábil e capaz defende o cristianismo e suas doutrinas no século segundo quando a teologia cristã não estava ainda sistematizada. O surgimento de muitas heresias e falsos ensinamentos tornou necessário que as doutrinas cristãs fossem organizadas de maneira lógica, para que os primeiros cristãos pudessem responder de maneira clara a todos que lhes acusassem falsamente.

No Novo Testamento, como na igreja primitiva, sempre houve a distinção entre o que era o ensino verdadeiro do falso. Em alguns períodos e situações isso se destacava com mais clareza, do que em outros, como no “período patrístico [...] foi de enorme importância na elaboração dos contornos da teologia cristã” (MCGRATH, 2005, p. 47). E de fato, aqui estava o desenvolvimento da teologia encontrada nas Escrituras, através de homens como Irineu, Justino Mártir, Tertuliano.

Dois documentos de suma importância, que também foram as bases para a formação da teologia foram o Credo Apostólico e o Credo Niceno. O Credo Apostólico “se divide em três partes principais, que tratam, respectivamente, de Deus, de Jesus Cristo e do Espírito Santo. Há também conteúdos relacionados à igreja, ao juízo e à redenção” (MCGRATH, 2005, p. 54-55). Já o Credo Niceno trata sobre a pessoa de Cristo e a obra do Espírito Santo.

Ao longo da história da Igreja podemos perceber que a medida que controvérsias ou heresias iam adentrando no ensino ou pensamento cristão, um grupo de pensadores cristãos, a Igreja e os concílios se levantavam para combatê-los. Isso forçava a Igreja a definir melhor suas crenças e a desenvolver melhores argumentos para todos aqueles que lhes questionassem. Tal progresso iniciou-se ainda no Novo Testamento, desenvolvendo-se em vários períodos como o Patrístico, a Idade Média (Escolasticismo) os quais iniciaram a sistematização desenvolvida da teologia.

Alguns desses temas que foram posteriormente ampliados são ensinados na *Carta a Diogneto*, dentre eles a Soteriologia (doutrina da salvação), Teologia Propriamente Dita

(estudo da pessoa e obra de Deus), Antropologia (estudo do homem), Cristologia (estudo da pessoa e obra de Cristo). Estes serão analisados a seguir, procurando identificar o modo como foram tratados e como se encaixam no argumento do autor.

Se Deus não tivesse se revelado ao homem, este não teria possibilidade alguma de conhecê-lo, sendo necessário que o próprio Deus assim o fizesse (DIOGNETO 8). Entendendo isso, o autor da *Carta a Diogneto* diz que uma das formas que Deus se revelou ao homem foi através de sua criação, que manifesta a obra de Deus e aponta para a existência de um Ser criador de todas as coisas (DIOGNETO 8:3) tornando possível um conhecimento da existência de Deus, e ao mesmo tempo anunciando o propósito do Senhor lhes haver preparado desde o princípio, para que os mesmos conhecessem algo do reino do céu (DIOGNETO 8:11). Para o autor poder explicar quem é Deus ele faz uma citação de Atos 17:24, “Quem fez o céu e a terra, e tudo o que neles existe” (DIOGNETO. 3:4) demonstrando que a ordem e finalidade do universo pressupõe a existência de um criador inteligente, sendo este o próprio Deus.

Quanto as características de Deus, o autor afirma que: é invisível, por não possuir uma natureza física (DIOGNETO 7:2) é um ser pessoal, individual, com autoconsciência e vontade, capaz de escolher e ter um relacionamento com outros seres pessoais (DIOGNETO 9:1-2) é o possuidor da vida, Ele existe por si mesmo, e é a fonte da vida tanto em sua origem quanto na sua manutenção, de forma que é Ele quem a dá e tira (DIOGNETO 9:6) infinito, ou ilimitado em seus atributos, onisciente (DIOGNETO 1:1) onipresente (DIOGNETO 7:9) e onipotente (DIOGNETO 9:1,2,6) Ele é eterno (DIOGNETO 9:1; 11:3-5, 12:8) e soberano, possuindo o controle sobre todas as coisas (DIOGNETO 1:1; 7:2; 9:1).

O autor trata da constituição do homem quando diz que ele vê com os olhos físicos mas também com a inteligência, fazendo referência tanto ao intelecto, quanto ao físico (DIOGNETO 2:1) o que parece semelhante ao ensino de Jesus e de Paulo (Mt 10.28; I Co.5:3,5). Ele menciona as emoções, o qual possui sensibilidade, e o compara a uma pedra, que é insensível (DIOGNETO 2:9).

Trata da alma e do corpo como partes constituintes do mesmo, ao afirmar que a alma é intrínseca ao corpo, porém, não decorre dele, mas habita no mesmo; ela cuida do corpo, e sem ela não há vida e o corpo morre; alma através da santificação se torna cada

vez melhor, sendo assim, aperfeiçoada; é invisível, porém está contida em um corpo visível. Não odeia a carne, pelo contrário, ama-a e busca o seu bem. A alma é imortal, e por enquanto está em um corpo mortal, corrompível, até o momento em que a alma terá um corpo incorruptível no céu. (DIONGETO 6).

Para o autor da *Carta a Diogneto*, o homem possui uma dimensão eterna, e seu valor foi conferido por Deus. Ele também crê que o homem é formado por duas partes: material (o corpo) e a outra imaterial (a alma ou espírito) (DIOGNETO 6:3,4); Que o corpo possui o lado sentimental, sensível, emocional; o corpo não sobrevive sem a alma; o corpo é visível; e que está sujeito a mortalidade e a corrupção (DIOGNETO 6).

O autor parece fazer uma alusão ao texto de Romanos 1, quando diz que Deus nos permitiu, conforme a nossa vontade vivermos segundo os nossos desejos, impulsos, desordenados, levados por prazeres e concupiscências. Mesmo Deus sendo contrário as nossas atitudes pecaminosas, Ele nos suportou (DIOGNETO 9:1).

Sobre a pessoa de Cristo o autor afirma que Deus o enviou para o meio dos homens, e isso foi a encarnação (DIOGNETO 7:2,4,5) tal qual afirma o NT (Jo. 1.14). Jesus descende do céu, é Filho de Deus (DIOGNETO 7:2,4,5; 8:11; 9:2-4; 11:3-5), proclamado em Mt. 16.16 e Lc 1.32. Possui os mesmos atributos que Deus: santidade, inocência, justiça, incorruptibilidade, imortalidade e eternidade (DIOGNETO 9:2-6, 11:3-5; 12:8). Conseqüentemente Ele é o próprio Deus, a verdade, a palavra santa e incompreensível (DIOGNETO 7:2). Por meio Dele conhecemos e compreendemos coisas inimagináveis sobre Deus, pois Ele é a revelação plena de Deus aos homens (DIOGNETO 8:11; Fl. 2.5-11; Jo. 10.30; Hb 1.1-3).

Quanto a salvação do homem, o autor trata sobre a eleição⁴ dos amados por Deus (DIOGNETO 4:4), que é ensinada no NT (Rm 8.29-30, 33; Jo 15.16). E é por serem salvos que os cristãos vivem de forma diferente neste mundo, conforme ordenado no Novo Testamento (Tt. 2.11-14; Ef.5:1), Uma das maneiras que o cristão encontra para ser santo é imitando a Deus (DIOGNETO 10:5-6). E por ser unido com Cristo por meio da

⁴ “Será usado com referência à escolha positiva que Deus faz de indivíduos, nações, ou grupos para a vida eterna e comunhão com ele.” (ERICKSON, 2015. p. 343).

salvação efetuada e com outros cristãos ele pode amar os seus inimigos e perseguidores, bendizendo-os ao serem injuriados (DIOGNETO 12:8; Rm. 8:29; Mt.5:44).

Quanto a igreja, o autor fala que os cristãos confiam em Deus e o adoram, ao ponto de desprezarem o mundo e o que há no mundo, rejeitando prestar adoração a outros deuses (DIOGNETO 1:1; 2:5,6) o que vemos em Atos 2.47. Também do amor mútuo dos cristãos (DIOGNETO 1:1); ensino encontrado em Romanos 12:10. Que não seguem as tradições judaicas ao fazerem boas obras no sábado, embora tenha suas bases no judaísmo, nem as pagãs com a adoração a outros deuses (DIOGNETO 3:2; 4:3). São iguais a qualquer outra pessoa quanto a possuírem a mesma língua, morarem nas mesmas cidades que os judeus e os pagãos, viverem de modo comum, se utilizarem de roupas e alimentos, porém, possuem uma vida paradoxal pois vivem no mundo, mas como forasteiros, pois anelam uma pátria celestial. Casam e geram filhos, mas não os abandonam como era o costume de muitos nesse período; são injuriados e bendizem (DIOGNETO 5; 6:8). Amam os seus próximos como a si mesmos (DIOGNETO 10:5,6) e são a Igreja de Cristo (DIOGNETO 11:3-5), com o que concordam os textos do NT (Rm. 12:1; Gl.5:12; I Co. 12:27).

Quanto a doutrina das últimas coisas, o autor da *Carta a Diogneto* é bem sucinto, diz que Deus dará o reino aos que tiverem amado a Jesus (DIOGNETO 10:2) e no futuro irá condenar o erro e o engano no mundo (DIOGNETO 10:7,8), promessas que se encontram no Novo Testamento (Jo. 14:2,315-17, 21,23).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como é possível perceber através deste trabalho, a *Carta a Diogneto* é rica em seu conteúdo nos diversos aspectos: teológico, apologético e histórico, sendo assim, merece ser melhor estudada. Além disso há muito a ser pesquisado sobre esta obra, sobre sua relação com os apologistas cristãos, com os pais polemistas, a intertextualidade entre a *Carta a Diogneto* e o Antigo Testamento, bem como o trato do autor dessa literatura quanto ao gnosticismo, entre outros assuntos.

Foi realizada uma análise histórica e teológica da *Carta a Diogneto*, levando em conta o seu teor apologético (em prol das verdades cristãs). Examinamos algumas citações, alusões e pastiches encontradas ao longo deste documento, comparando-as com o Novo Testamento e fazendo a ligação entre o contexto em que ambas foram escritas,

percebendo que mesmo em épocas distintas, os contextos eram os mesmos. E por fim, pudemos identificar várias doutrinas cristãs, algumas abordadas com maior extensão outras apenas mencionadas.

Embora trabalhamos principalmente a *Carta a Diogneto* e o Novo Testamento, foi de grande importância nos utilizarmos de livros referentes à patrística, a apologética cristã antiga, a intertextualidade e obras referentes a teologia sistemática atual.

Depois de estudar esta carta comparando-a ao Novo Testamento, é inegável a relação entre ambas as literaturas, sendo assim, pelo fato do Novo Testamento haver sido escrito antes da *Carta a Diogneto*, nada mais lógico do que afirmar que Quadrato foi um cristão fortemente influenciado pelos escritos e teologia neotestamentária, e a sua literatura foi fundamental para o amadurecimento e fortalecimento da doutrina cristã no segundo século.

Além disso, um ponto de destaque foi o fato do autor fazer um contraponto com as principais religiões da época, judaísmo e paganismo, assumindo um caráter apologético, isso demonstra que ele acreditava numa ortodoxia a qual poder-se-ia apelar, e usa-la em defesa do cristianismo.

REFERÊNCIAS:

BÍBLIA Português. **Tradução de João Ferreira de Almeida.** 2 ed. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

CAIRNS, Earle E. **O cristianismo através dos séculos:** uma história da igreja cristã. São Paulo: Vida Nova, 1995.

ERICKSON, Millard J. **Teologia sistemática.** São Paulo: Vida Nova, 2015.

FRANGIOTTI, Roque. **Padres apologistas.** São Paulo: Paulus, 1995.

GONZALES, Justo L. **A era dos mártires:** uma história do cristianismo. São Paulo: Vida Nova, 1995.

HAYKIN, Michael A.G. **Redescobrimos os pais da igreja:** quem eles eram e como moldaram a Igreja. São José dos Campos. SP. Editora Fiel, 2012.

NORMAN, Geisler. **Teologia sistemática:** introdução à teologia, a Bíblia, Deus, a criação. 1º Ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

_____. **Teologia sistemática:** pecado, salvação, a igreja, as últimas coisas. 1º Ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

MCGRATH, Alister E. **Teologia sistemática, histórica e filosófica:** uma introdução à teologia Cristã. São Paulo: Shedd Publicações. 2005.

OLIVEIRA, Raimundo F. **História da igreja:** dos primórdios à atualidade. 2º Ed. Campinas: Escola de Educação Teológica das Assembleias de Deus (EETAD), 1992.

ROBERTS, Alexander D.D; DONALDSONY, James. **Anti nicenic fathers.** Estados Unidos da América: American Reprint of the Edinburgh Edition, 1981.

SAMOYAUULT, Tiphaine. **A intertextualidade.** São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

TILLICH, Paul. **História do pensamento cristão.** São Paulo: Associação de Seminários Teológicos Evangélicos (ASTE), 1988.

WAND, J.W.C. **História da igreja primitiva:** até o ano 500. São Paulo: Editora Custom, 2004.